

## **‘FUNDO DO POÇO’**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Folha de S. Paulo*, 13.10.1981

Não há qualquer indicação de que a recessão econômica em curso tenha chegado “ao fundo do poço” e que a recuperação já esteja começando.

O atual processo recessivo iniciou-se em dezembro de 1980. No início o Governo e empresários negavam que houvesse recessão. Depois apenas o Governo passou a negar, enquanto os empresários alternavam sua atitude diante do fato: em certos momentos indignavam-se, preocupados com suas empresas e com o desemprego, e denunciavam a crise; em outros faziam o “jogo do contente” e começavam a afirmar que “o pior já passou”.

Neste último mês o “jogo do contente” predominou nas manifestações empresariais. Diante de sua própria impotência e de sua incapacidade de visualizar e apoiar uma alternativa de política econômica passaram para o reino do “faz de conta”.

Enquanto isso os índices econômicos relativos ao nível de atividade econômica continuam a deteriorar-se implacavelmente. O desemprego aumenta à mesma taxa que vinha aumentando nos últimos meses. A produção continua em declínio. As vendas no varejo nunca estiveram tão baixas.

De acordo com a mais elementar teoria a respeito da dinâmica do ciclo econômico sabemos que o movimento descendente só se interromperá quando as empresas ou o Estado voltarem a investir. Se supusermos que o Governo não venha a alterar sua política econômica, a econômica só voltará a crescer quando a queima de capitais provocada pelo aprofundamento da crise levar a uma redução da taxa de salário e da taxa de juros que, somadas à exclusão do mercado das empresas falidas, criem novas oportunidades de

investimento. Salário e juros mais baixos implicariam em custos menores e novas oportunidades de lucros e investimentos.

Se não se desejar esperar essa queima de capitais, dados seus elevados custos econômicos e sociais, a única outra alternativa é o Governo mudar sua política econômica.

Ora, as falências ainda não ocorreram. A taxa de juros só tende a aumentar. A taxa de salários mantém-se graças à lei salarial. Nesses termos não chegamos definitivamente ao fundo do poço.

Por outro lado o Governo, animado com alguns sucessos na política anti-inflacionária e principalmente na política de equilíbrio de nossas contas externas, revela pouca tendência a alterar sua orientação monetarista. Inclusive porque as pressões empresariais nesse sentido ainda não muito débeis. Descrentes da viabilidade de uma política econômica alternativa, de caráter administrativo ao invés de monetarista, dado o fracasso da tentativa empreendida entre agosto de 79 e novembro de 1981; recusando a aceitar uma maior regulamentação do Estado sobre a economia; cientes de nossa dependência financeira em relação aos banqueiros internacionais que exigem uma política econômica como a atual; dotados de capacidade para aumentar seus preços mais do que a média da economia, conforme os estudos do Prof. Yoshiaki Nakano demonstraram (Folha de S. Paulo, 20.09.81); e havendo até agora resistido bem financeiramente à crise os grandes empresários e suas empresas monopolistas limitam-se a propor um certo afrouxamento da política econômica. São incapazes de ver e muito menos de propor uma política econômica diversa.

Não há, portanto, razão para otimismo neste fim de ano. A economia não entrou em uma crise maior porque a lei salarial e os subsídios à agricultura (aquela necessária, estes um contra-senso econômico) vêm sustentando relativamente a demanda agregada. Mas só uma retomada dos investimentos governamentais acompanhada de uma moderada liberação do crédito poderá relançar a economia. E isto só será possível realizar conjuntamente com rígidos controles administrativos de importação e de preços.

Na verdade há apenas um ponto positivo. O saldo alcançado na balança comercial aumentou nossa margem de manobra em matéria de política econômica frente aos

banqueiros internacionais. Essa margem havia sido reduzida a zero no final de 1980. É preciso agora saber se saberemos aproveitar este fato, ao invés de ficarmos paralisados pelo “jogo do contente” enquanto a economia continua a deteriorar-se.(13/10)